



Núcleo de
**Solidariedade
Técnica**

Êêêetcha!

nº13

Especial 10 anos!

Avaliação da SENAES

Secretaria comemorou oito anos de vida em 2011 e avaliou, em projeto executado pelo SOLTEC, avanço de políticas públicas no Brasil e na América Latina. Projeto lançou ainda vídeo e livro sobre resultados da avaliação. **Páginas 2 e 3**



Projeto RioEcosol

SOLTEC realiza pesquisa exploratória sobre o tecido produtivo de quatro comunidades do Rio de Janeiro em projeto em parceria com o governo. **Páginas 4 e 5**

Quilombolas fortalecidos na Economia Solidária

O projeto Etnodesenvolvimento e Economia Solidária atuou em 105 comunidades quilombolas por todo o Brasil. O SOLTEC foi parceiro desta iniciativa! **Páginas 8 e 9**



E MAIS...

Redes de Solidariedade Páginas 6 e 7

O papel da Universidade na garantia da sustentabilidade Página 10

SOLTEC Indica livros Página 11

EDITORIAL

Por Felipe Addor

No dia 13 de março de 2013, o Núcleo de Solidariedade Técnica completou 10 anos. Nessa história, centenas de pessoas já passaram pelo SOLTEC, dando sua contribuição, seu carinho, sua dedicação e levando um pouco da nossa utopia, do nosso desejo de transformação, da nossa forma de viver. Como ex-soltecos (ou eternos soltecos) costumam dizer por aí: “a gente sai do SOLTEC, mas o SOLTEC não sai da gente”.

Nessa década de trabalho, contribuimos para a consolidação de um campo de atuação para os engenheiros que querem vincular sua formação profissional ao objetivo maior de melhorar as condições de vida da população. Logramos desenvolver metodologias participativas que permitiram a articulação de uma abordagem técnica com um trabalho de cunho social. Conseguimos influenciar na formação de alunos da engenharia e de outras áreas, através da extensão, da aproximação entre Universidade e Sociedade.

A maior prova do amadurecimento de todo esse processo foi a recente aprovação do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES), em uma árdua conquista institucional do SOLTEC e de seus parceiros que lutam por uma universidade diferente.

Ainda há uma longa estrada a caminhar: a formação crítica nos cursos de engenharia ainda é marginal, a compreensão dos impactos da atuação dos engenheiros ainda é superficial, o ensino técnico ainda caminha na margem oposta à da educação cidadã e da formação política. Faz-se necessária uma reflexão mais ampla sobre a educação tecnológica. Além disso, o contexto político atual demanda uma maior aproximação com nossos povos irmãos da América Latina.

Nessa comemoração de 10 anos, faço uma homenagem especial aos trabalhadores que participaram dessa história. Pescadores, catadores, agricultores, quilombolas, aqüicultores, fabricantes de parafusos, técnicos, descascadeiras de camarão, jovens, moradores da Cidade de Deus e de outras favelas. O contato cotidiano com essas pessoas foi nossa maior Universidade. Foi essa interação que nos permitiu ver que era possível fazer algo diferente, que valia à pena humanizar a engenharia, que era preciso abrir a universidade. Que esta seja apenas a primeira de muitas décadas de vida do SOLTEC/UFRJ.

O que é o SOLTEC?

O SOLTEC (Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro) é um programa interdisciplinar de extensão, pesquisa e formação, que desenvolve projetos em rede com abordagem territorial e participativa, nos campos da Tecnologia Social e da Economia Solidária, visando à construção de políticas públicas para a equidade social e o equilíbrio ambiental.

8 ANOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NO GOVERNO FEDERAL

Por Didi Helene

O projeto “Sistematização e Análise da Política Pública de Economia Solidária: SENAES 2003–2010” é fruto de uma parceria entre a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) e o SOLTEC. A articulação das duas instituições esteve presente em vários projetos e ações, em particular no Festival de Tecnologias Sociais e Economia Solidária, organizado anualmente pela UFRJ desde 2008. Em função disso, a Secretaria convidou o SOLTEC para avaliar o desenvolvimento das políticas públicas de Economia Solidária do governo federal de 2003 a 2010, culminando em um projeto articulado composto de quatro eixos:

1) A elaboração de um Relatório sobre a política pública de Economia Solidária implementada pela SENAES entre os anos de 2003 e 2010;

2) A realização de um Seminário de Avaliação da SENAES;

3) O IV Festival de Tecnolo-

gia Social e Economia Solidária;

4) E a realização de um Seminário sobre Economia Solidária na América Latina.

A elaboração do Relatório partiu de um documento de avaliação feito pela SENAES detalhadamente estudado e reestruturado pela equipe do SOLTEC em conjunto com a Secretaria. A partir dele, iniciou-se a sistematização de documentos produzidos pela própria SENAES e a compilação de dados secundários de entidades conveniadas. Também foram consultados estudos, pesquisas, cartilhas, manuais, entrevistas, sítios eletrônicos, relatórios técnicos e institucionais, contextualizando-os e apresentando seus resultados. Todas essas informações foram organizadas em dois níveis de análise:

1) Estratégias de Articulação: Fortalecimento Institucional; Desenvolvimento Local e Territorial; e Apoio à Organização Econômica Solidária.

2) Eixos de Atuação: Finanças Solidárias e Crédito; Conhecimento; e Comercialização.

Uma importante etapa na elaboração do Relatório foi a realização do Seminário de Avaliação “Avanços e desafios para as Políticas Públicas de Economia Solidária no Governo Federal – Oito Anos da SENAES”, em Brasília, de 18 a 20 julho de 2011. O evento contou com cerca de 100 participantes de todo Brasil, entre representantes de instituições apoiadas pela SENAES, representantes de empreendimentos econômico solidários, movimentos sociais, pesquisadores, e outras secretarias e ministérios. Além de integrar a celebração dos oito anos da SENAES, o evento foi concebido com o intuito de proporcionar um espaço de escuta e debate sobre como a Secretaria vem contribuindo para o estímulo, desenvolvimento e mudança no campo da Economia Solidária no Brasil.

O documento, “construído a muitas mãos, sob a responsabilidade da SENAES, foi apresentado e entregue à sociedade brasileira em 2012. Mais que uma prestação de contas, é uma partilha solidária de aprendizados, de êxitos alcançados e de dificuldades enfrentadas, que ainda permanecem na forma de desafio” (palavras do documento).



Mulheres da Economia Solidária expõem seus produtos na Feira durante o Festival na UFRJ

O Seminário Latinoamericano e o IV Festival

O seminário “A Economia Solidária na América Latina – Realidades Nacionais e Políticas Públicas” aconteceu de 26 a 28 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro, e teve como objetivo reunir diversas visões sobre a Economia Social e Solidária na América Latina. Este seminário aconteceu simultaneamente – a partir de uma programação conjugada – com o “IV Festival de Tecnologias Sociais e Economia Solidária”. Essa integração possibilitou agregar a discussão e a participação de cerca de 500 pessoas em torno do tema durante as várias atividades que aconteceram nos dois eventos.

O Seminário foi realizado em parceria com a Rede de Investigadores Latino Americanos em Economia Social e Solidária (RILESS) e contou com a presença de representantes de sete países latino americanos, além do Brasil: Argentina, Chile, Venezuela, Equador, Peru, Bolívia e Uruguai. O evento proporcionou a reflexão, a tro-



Paul Paul Singer, secretário nacional de Economia Solidária, fala em seminário latinoamericano



Representantes dos diversos países latinoamericanos participantes do evento na mesa de abertura do seminário

ca e a mediação entre as diversas correntes e propostas para a construção de uma outra economia. Segundo José Luis Coraggio, professor da Universidade de Buenos Aires, palestrante que abriu o evento, são as teorias que estão se desenvolvendo geográfica, cultural e politicamente na periferia (América Latina) do primeiro “sistema-mundo” (eurocêntrico), perpassando pelo pensamento crítico de raiz marxista, pelos diversos socialismos, pela teologia da libertação e pela educação popular de Paulo Freire: esse pensamento “que acompañó una história marcada por el dilema de adaptarse, modernizándonos, o rebelarnos ante las diversas formas del colonialismo y del imperialismo, sumando la fuerza que nos da el hablar profundo de la América rebelde que hoy resurge con un mensaje ético y político superador (...).”

A programação do evento focou em Políticas Públicas de Economia Social e Solidária dos diversos países do continente e contou com a participação de

dirigentes dos respectivos governos. O Relatório foi um dos subsídios principais para estes debates, com a distribuição de exemplares aos convidados. Ao mesmo tempo, o Festival promoveu o intercâmbio entre a Universidade, os movimentos sociais e os empreendimentos econômico solidários, por meio da Feira de Economia Solidária e a Mostra de Tecnologias Sociais, com a exposição de soluções desenvolvidas numa nova prática de relações de trabalho e numa lógica de construção de artefatos fora do imperativo da economia de mercado.

*Como produto deste encontro foi elaborado um blog com informações sobre os eventos, fotos, matérias, bem como a gravação integral dos debates. (<http://www.economiasolidariaamericalatina.blogspot.com>) Todos estes materiais servirão de subsídio para a publicação do livro “A Economia Solidária na América Latina: realidades nacionais e políticas públicas” e do vídeo deste Seminário.

PROJETO RIO ECOSOL CHEGA AO FIM: SOLTEC APRESENTA RESULTADOS

Por Camille Perissé

O maior projeto público de economia solidária em favelas no Rio de Janeiro foi concluído em 2012 com o apoio do Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC). Coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico Solidário (Sedes), o projeto Rio Economia Solidária (apelidado de RioEcoSol), foi realizado ao longo do ano de 2011 em quatro comunidades do Rio de Janeiro: Complexo do Alemão, Complexo de Manguinhos, Favela Santa Marta e Cidade de Deus, com o investimento de R\$ 8 milhões. O objetivo era mapear e fomentar o desenvolvimento de empreendimentos populares nesse território. Paul Singer, secretário nacional de economia solidária e um dos principais nomes relacionados a este campo no Brasil, presidiu a cerimônia de lançamento do projeto no dia 2 de dezembro de 2010 no Centro de Convenções Sul América, durante a IX Expo



Pesquisadores do território Manguinhos. Foto: Cássia Miranda

Brasil de Desenvolvimento Local. empreendimentos já existentes.

Para a execução do projeto, o SOLTEC utilizou-se da metodologia de pesquisa-ação, em que se valoriza a troca entre os conhecimentos acadêmicos e o saber local dos moradores. A comunidade tem, nesse sentido, papel decisivo no planejamento das ações. Com esse ideal, foram criados comitês locais de pesquisa nas comunidades, que trabalharam junto aos pesquisadores do SOLTEC. De acordo com Vinícius Ferreira, pesquisador responsável pelo Complexo do Alemão, a principal meta do projeto era “estruturar uma economia baseada em um nível maior de solidariedade”, e para isso foi preciso fazer um levantamento sobre o grau de cooperatividade dos

O cenário que encontraram nas áreas estudadas – que não abrangeu todo o território das comunidades (ver Box) – foi de uma economia popular, empreendimentos que em sua maior parte não conseguiam durar mais de um ano e eram marcados por uma precariedade, sem muitas características de autogestão. Através da identificação de atores sociais, da aplicação de questionários em 940 empreendimentos e de uma pesquisa qualitativa, foi constatado que menos de 1% dos empreendimentos estavam organizados em associações ou cooperativas.

O grau de cooperatividade e o contraponto entre os conceitos de Economia Popular e Economia Solidária foram questões fundamentais



Reunião de pesquisadores em Manguinhos no dia 11 de janeiro de 2011. Foto: Ratão Diniz

nessa pesquisa. A Economia Solidária é uma maneira de se realizarem atividades econômicas de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças e consumo, baseada na autogestão e na cooperação, sem hierarquias, sem patrão nem empregado. Além disso, a Economia Solidária ultrapassa as paredes do empreendimento, sendo também um jeito de estar no mundo e de priorizar o consumo de produtos locais, saudáveis e com cuidados ao meio ambiente. Não é fácil conhecer e aderir a esse modo de agir não hegemônico, por isso os pesquisadores já esperavam encontrar um quadro mais forte de Economia Popular, que são pequenos empreendimentos muitas vezes familiares e informais, geridos por moradores da comunidade, mas que não possuem a prática da autogestão e muitas vezes reproduzem a lógica hierárquica dos grandes empreendimentos.

No entanto, a pesquisa identificou que há vontade dos empreendedores de se adotar algumas práticas econômicas solidárias, sendo a Cidade de Deus o território em que se encontrou maior interesse, como conta o pesquisador Anderson Oriente: houve respostas positivas em 48% dos empreendimentos mapeados. Os pesquisadores também relataram certa desconfiança encontrada nas comunidades, com questionamentos sobre a efetividade da pesquisa e

medo de cobranças futuras de impostos pela prefeitura. Isso tudo aponta para um clima de desesperança e desgaste nas comunidades diante de promessas do poder público e das numerosas ações atuantes nesses territórios que não disponibilizam seus resultados aos moradores.

O Centro de Ação Comunitária (CEDAC) também foi parceiro do Rio Ecosol com a responsabilidade de formação, organizando cursos e oficinas sobre gestão de empreendimentos econômicos populares e solidários. Cada inscrito participou de dois seminários e dois intercâmbios, com temas sobre políticas públicas e estratégias de desenvolvimento. Isso foi importante para complementar o método de pesquisa-ação, porém, o recorte de territórios com atuações do Soltec e do CEDAC não foram os mesmos, exceto na Santa Marta. Os pesquisadores afirmam que o projeto foi mais bem-sucedido ali, justamente por ter conseguido atuar em todo o território da favela e conjugar a pesquisa com a formação.

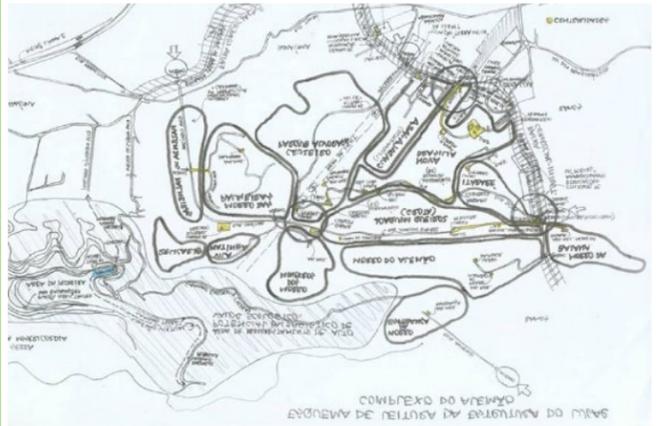
A pesquisa exploratória do SOLTEC foi documentada no livro “A Economia Solidária em Territórios Populares”, lançado no dia 18 de dezembro de 2012 no Museu da República no Rio de Janeiro - ocasião que contou com a participação de moradores das quatro favelas pesquisadas e de parceiros.

Territórios Mapeados

T1. Quinze (Cidade de Deus)



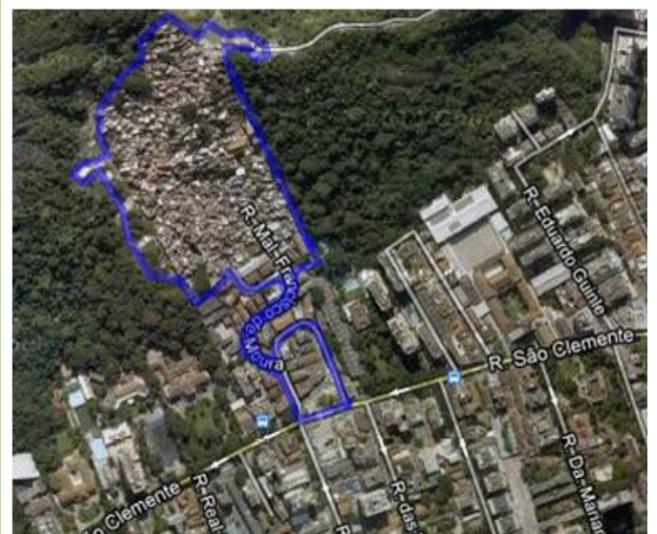
T2. Nova Brasília / Alvorada (Complexo do Alenão)



T3. Varginha / Vila Turismo (Manguinhos)



T4. Santa Marta: todo o território



Redes de Solidariedade

Por Marília Gonçalves, Renata Melo e Camille Perissé

Curso realizado pelo SOLTEC/UFRJ no âmbito da Rede Solidária da Pesca fortalece a articulação de pescadores e aquicultores no norte do Estado do Rio de Janeiro.

O Sol já vai se pondo e as redes lançadas ao mar são emolduradas pelos raios dourados do fim da tarde. É o Sol celebrando mais um dia de trabalho para os pescadores de José Gonçalves e Rasa, em Búzios. As redes que se tecem não são só de pesca, mas também de solidariedade.

É o que mostra a Associação dos Trabalhadores na Aquicultura (ATA), fruto da iniciativa de pescadores e aquicultores que decidiram unir famílias tradicionais do território para lutar por melhores condições de trabalho. Jorge Aziz, pesquisador do SOLTEC, explica que essa organização nasce a fim de viabilizar junto aos órgãos públicos processos de licenciamento da atividade, de instalação da estrutura

física da maricultura de ostras e mexilhões e da atividade e produção.

A associação surge entre maio e junho de 2010 motivada pelo curso “Gestão social da cadeia produtiva da pesca”. Gerenciado

Trabalhador da ATA, em Búzios. Foto: Carolina Mól



pelo SOLTEC, o curso Gerais e Amazonas). No Rio, em Búzios, os resultados foram além dos cinco módulos e quarenta horas de trabalho de campo: “Os

Solidária (PlanSeQ EcoSol), em uma parceria com a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho (SENAES/MTE) e foi realizado Brasil a fora (Rio de Janeiro, Pará, Minas

alunos começaram a se articular e a mobilizar seus territórios. Desse processo começa a surgir a associação, um dos frutos do curso”, conta Felipe Addor, um dos coordenadores do projeto. De forma autônoma, o grupo de pescadores e aquicultores começou a se organizar. Os vínculos criados no curso foram essenciais. Com a ajuda dos companheiros da Associação Livre dos Aquicultores do Rio São João, de Barra de São João, conseguiram os equipamentos necessários para a criação de ostras, por exemplo. Vínculos que vão muitas vezes além da amizade. Foi o caso de Edno, de Arraial do Cabo e Sênia, de Cabo Frio. O casal se formou no curso e hoje trabalham juntos na associação de maricultores.

Conhecimento. É essa palavra que re-

sume a colaboração do PlanSeQ para a articulação dos pescadores. “O PlanSeQ nos deu a capacitação para seguirmos em frente. Quando pensamos no PlanSeQ e no SOLTEC, a palavra que vem à mente é essa: conhecimento”, afirma Edno.

Aziz acredita que o projeto foi importante para a formação de pescadores e para o desenvolvimento de projetos: “O PlanSeQ foi importante para viabilizarmos a formação dos pescadores comunitários. O curso estimulou o desenvolvimento de projetos de gestão social de empreendimentos solidários, apoiado pela metodologia da Pedagogia de Alternância, focado na cadeia produtiva da pesca e aquicultura familiar”. Segundo Aziz, há também um com-

partilhamento de posicionamentos ideológicos que forjam uma “nova institucionalidade” na associação: “O projeto forjou uma ‘nova institucionalidade’ dentro do grupo de pescadores comunitários da Praia Rasa de Búzios, unidos pelas idéias e ideais da construção da autonomia, e da perspectiva do desenvolvimento social e solidário”, avalia.

Porém, mesmo com essa nova institucionalidade, os associados não deixaram de ter dificuldades: Manoel Azevedo, presidente da ATA, conta que “é uma grande luta ser aquicultor”. Segundo ele, faltam meios para transportar suas mercadorias: há apenas uma balsa e um barco a motor na associação para o comércio dos alimentos e frutos do mar. “Com o curso, ad-

quirimos muitos conhecimentos, mas não adianta só ter capacitação sem ter as condições de se trabalhar”, lamenta. O comércio local não contempla as atividades desses trabalhadores que madrugam diariamente para a arte de cultivar ostras e mexilhão. Eles só serão devidamente recompensados quando essa atividade criativa e sustentável for reconhecida de forma mais ampla.

*A Associação dos Trabalhadores na Aquicultura faz parte da Rede Solidária da Pesca, uma articulação de diversos atores ligados à pesca artesanal e à aquicultura familiar. Suas ações buscam fortalecer as comunidades pesqueiras e contribuir para melhorar as condições de vida dessas comunidades, trabalhando

com os temas de organização comunitária, gestão social, educação popular, gestão integrada dos recursos naturais, resgate e valorização da cultura pesqueira e desenvolvimento socioeconômico da cadeia produtiva da pesca, partindo sempre do protagonismo dos trabalhadores da pesca artesanal e da aquicultura familiar. Para Edno, um dos fundadores da associação em Búzios, essa união é uma resposta da comunidade: “A sociedade diz que nós somos pobres e sem educação e nós queremos mostrar o contrário; a Rede Solidária da Pesca tem um papel fundamental nisso”.

A associação trabalha com o endereço de email: **trabalhadoresnaaquicultura@gmail.com**

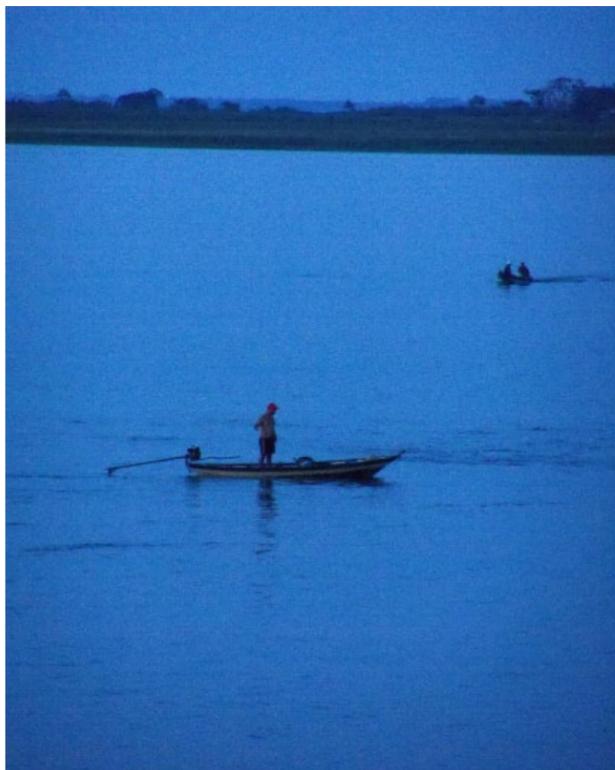
Vem aí o X ENEDS, no Rio!

O 10º Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social (ENEDS) acontece em setembro na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participe da organização!

Curta a página no facebook: www.facebook.com/ENEDSbr

Etnodesenvolvimento & Economia Solidária

Por Renata Melo



Cento e cinco comunidades quilombolas, onze estados brasileiros e muito trabalho. O projeto Brasil Local - Etnodesenvolvimento e Economia Solidária atuou do norte ao sul do Brasil. Essa história começou em 2004, quando a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) iniciou um diálogo com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e com a Fundação Palmares, órgão vinculado ao MinC, tendo por objetivo elaborar ações voltadas ao desenvolvimento das comunidades remanescentes de quilombolas. Deste diálogo nasce, em 2005, o Projeto de Promoção do Desenvolvimento Local e Econômico Solidário, como piloto de desenvolvimento local (PPDLES). Com isso nasceu um edital para um Projeto

Nacional de Etnodesenvolvimento e Economia Solidária em 2008. Em 2009, o SOLTEC, em parceria com a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) ganharam o edital da SENAES/MTE.

O projeto faz parte do Programa nacional Brasil Local - Desenvolvimento Econômico e Solidário: no total, nove projetos são articulados nacionalmente pela entidade Cáritas Brasileira. O projeto definiu seu objetivo como: “Contribuir para o etnodesenvolvimento através do fomento à Economia Solidária e o fortalecimento da organização dos quilombolas nos territórios étnicos econômicos solidários junto com os agentes de desenvolvimento local, por meio de processos de formação dialógicos, da pesquisa-ação e formação de redes e cadeias

produtivas de bens e serviços”.

É no campo, no dia a dia de trabalho, que essas palavras ganham vida. A formação dialógica e a pesquisa-ação colocam os “pesquisados” como protagonistas. Segundo a coordenadora executiva Sandra Mayrink Veiga, o desenvolvimento ao qual se propõe o projeto está ligado ao conceito de “bem viver”, e só quem pode dizer o que precisa para viver melhor são, neste caso, os próprios quilombolas. Através da pesquisa-ação, foram mapeados o patrimônio histórico, artístico e cultural das comunidades. Um desses protagonistas do movimento quilombola é Ronaldo dos Santos, integrante da CONAQ. Em entrevista ao Observatório de Favelas, ele enfatizou a importância de o projeto chegar a quilombos em áreas rurais. “Enquanto o movimento negro urbano está



lutando por cotas nas universidades, nós quilombolas estamos lutando pela implantação de escolas de primeira a quarta série”, afirmou.

A principal luta dos moradores, no entanto, é pela titulação de seus territórios quilombolas. O projeto Etnodesenvolvimento trabalhou na identificação de iniciativas de empreendimentos econômicos solidários complementado por um intenso processo de formação em cooperativismo e associativismo. O intuito era contribuir para a consolidação de um processo de etnodesenvolvimento dos quilombos a partir da articulação de cadeias produtivas e redes entre os produtores dessas comunidades.

Uma das principais atividades que o projeto desenvolveu nas 105 comunidades participantes foi um censo, que envolveu um total de 7.589 famílias e aproximadamente cem empreendimentos Econômicos Solidários Quilombolas. Os resultados revelaram que para 30% das famílias o programa do governo federal Bolsa Família seria a sua única fonte de renda. Além disso, a renda de 61% da população não chega a atingir sequer um salário mínimo mensal e 95% dos entrevistados avaliaram negativamente as oportunidades de trabalho. Os números mostram que ainda há muito a ser feito



Inaugurado em abril de 2010 na Comunidade Quilombola de Murumuru (BA), o Ponto de Cultura Digital Kizomba oferece cursos de informática básica aos moradores de 10 comunidades quilombolas. É fruto de uma parceria entre a Federação das Organizações Quilombolas de Santarém (FOQS) e a Escola Afro-Amazonida.

no campo do etnodesenvolvimento. “Os quilombos precisam ser afirmados enquanto territórios face às políticas públicas para que se tenha um desenho integrado das diferentes políticas necessárias para a superação dos entraves ao etnodesenvolvimento”, conclui Mayrink.

Durante este ano 2013, o projeto realizou três seminários de elaboração do plano territorial (Minas Gerais, Rio de Sul e Rio de Janeiro) e no mês de junho realizará o encontro final em Brasília para apresentar o diagnóstico da pesquisa-ação (censo) dos territórios quilombolas, Vídeo institucional, Catálogo dos empreendimentos Econômicos e Solidários Quilombolas, *site* e os Planos Territoriais. Além disso, haverá um relatório final do projeto.

As histórias, experiências e resultados serão perpetuados em um livro que publicado pela Cáritas Brasileira (instituição nacional parceira do programa Brasil Local), que contará a história de 50 experiências do Programa Brasil Local, entre elas cinco textos elaborados pela equipe (Sandro, Sandra, Claudia e Quêner) do projeto Etnodesenvolvimento com as experiências de quatro territórios com empreendimentos Econômicos Solidários Quilombolas mapeados pelo projeto Brasil Local - Etnodesenvolvimento e Economia Solidária e um sobre o próprio projeto: Cadeia do Turismo de Campinho(RJ), Cadeia da Banana (SP), Cadeia do Artesanato (PE), Banco Comunitário (MA) e Projeto Brasil Local - Etnodesenvolvimento e Economia Solidária.

da Universidade na garantia da sustentabilidade

Por Amanda Azevedo

É impossível pensar em qualquer ciclo de produção sem considerar seus gastos, seu consumo e também seus resíduos. Resíduos estes que, quando possuem uma destinação bem planejada, podem servir de consumo para uma próxima cadeia produtiva. É sobre este pilar que o projeto RIPeR (Rede de Informação e Pesquisa em Resíduos) tem sua sustentação. Proveniente de uma demanda observada a partir de projetos já existentes na UFRJ, como o Recicla UFRJ e o Recicla CT (Centro de Tecnologia), e com o intuito de servir como uma fonte de consulta e referência para todos os grupos envolvidos, desde a geração até a coleta de resíduos, a Rede foi criada em março de 2009 com participação do Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/UFRJ). Tem-se como objetivo principal uma troca de conhecimentos entre todos os envolvidos nesta cadeia produtiva: os catadores e

suas organizações, pesquisadores, estudantes, transportadores e grandes geradores de resíduos. O diálogo proposto pela Rede entre esses diferentes grupos mostra-se eficaz no sentido não só de dar uma destinação adequada aos resíduos, mas também no desenvolvimento de novas soluções de coleta, transporte e armazenamento. A Universidade, como instituição acadêmica, entra neste ciclo como forte ferramenta no auxílio do desenvolvimento destas soluções.

Atualmente, a rede oferece apoio estrutural a cinco cooperativas de catadores no Rio de Janeiro: a CoopCAL (Cooperativa de Catadores do Complexo do Alemão), a CoopQuitungo, Cooperativa São Vicente de Paula, Cooper Rio Oeste, e a COOTRABOM (Cooperativa dos Trabalhadores do Complexo de Bonsucesso). Com a contribuição da bolsista Daiene Bispo, da Escola de Serviço Social da UFRJ, foi feito

um levantamento do perfil socioeconômico dos catadores. Este levantamento visa a uma maior aproximação com essas pessoas, facilitando assim o apoio ao gerenciamento da produção e recolhimento das cooperativas de acordo com a demanda.

Dentro da Ilha do Fundão, o projeto RIPeR auxilia na elaboração do plano de gerenciamento de resíduos para a Cidade Universitária, exigido pelo Congresso Nacional através da lei que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Ele exige que todas as organizações tenham seu próprio planejamento de gerenciamento de resíduos, especificando quais os tipos de resíduos gerados e qual a destinação destes. A Rede está envolvida também na elaboração de projetos voltados para o desenvolvimento de novas tecnologias para o lixo eletrônico e coleta seletiva de resíduos perigosos. Segundo Antonio Oscar

Vieira, psicólogo e jornalista, pesquisador do SOLTEC/UFRJ e coordenador do projeto RIPeR, o principal objetivo da Rede é “enfrentar os desafios da coleta dos resíduos através da ampliação de uma rede onde todos os seus integrantes possam contar com uma fonte de informação que contribua para suas atividades dentro da cadeia produtiva”. Para isso, o próximo passo é a implementação de um site que contenha todas as informações exigidas pelas diversas demandas dos envolvidos, sejam elas para pesquisa, atuação ou colaboração na área. Com isto, o projeto se propõe, principalmente, a colaborar com o desenvolvimento sustentável através da introdução dos conceitos vinculados à economia solidária nas cooperativas de catadores, fortalecendo-os e disseminando assim a autogestão: o que mostra ser possível extrair do que se joga fora - uma forte arma a favor da sustentabilidade.

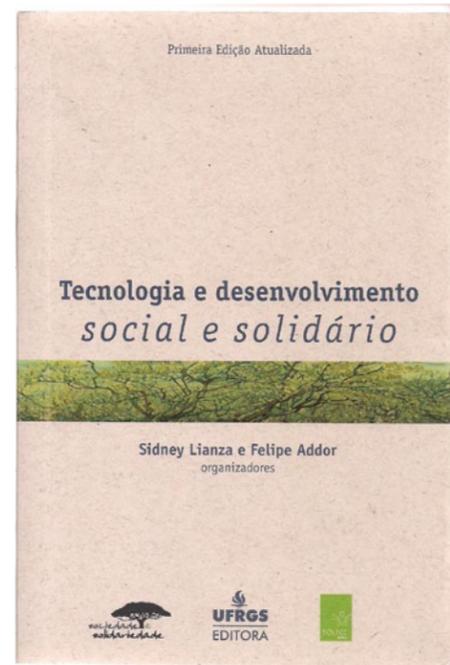
Soltec Indica livros

Tecnologia e desenvolvimento social e solidário

Sidney Lianza e Felipe Addor. Editora UFRGS. 276 páginas.

2011

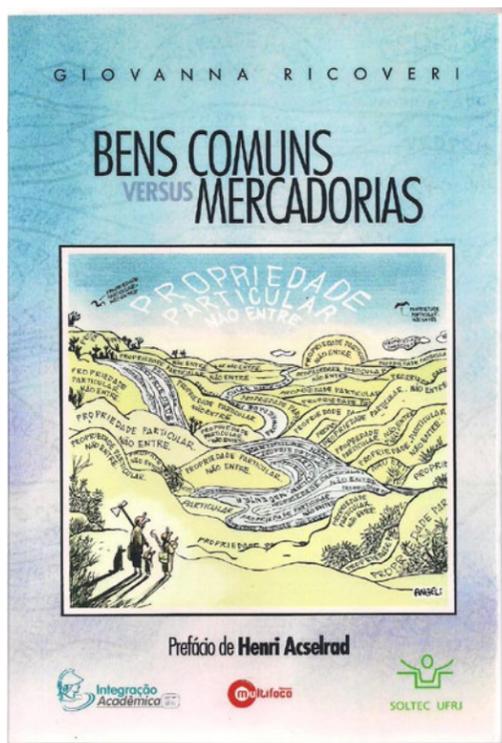
O livro reflete as discussões do primeiro congresso “Engenharia e Desenvolvimento Social: elaboração, monitoramento e avaliação de projetos solidários”. Os textos buscam trazer luz sobre a questão da inclusão social associada à técnica e discutem a conciliação entre emprego e desenvolvimento econômico. A diferente formação dos autores enriquece a obra com abordagens feitas sob vários prismas. Os temas vão desde o papel da universidade e do ensino até a aplicação de medidas econômicas e casos de sucesso de arranjos produtivos que promovem a inclusão social.



BENS COMUNS VERSUS MERCADORIAS

Giovanna Ricoveri. Editora Multifoco. 125 páginas. 2012

A tese e a proposta do livro é que a defesa dos bens comuns (onde eles ainda existem) e a reproposição deles (onde foram extinguidos) não é propriamente, ou apenas, um problema de justiça distributiva dos recursos, mas a resposta mais robusta possível às forças destruidoras do sistema capitalista: uma resposta parcial, que, porém – na fase atual de crise do modelo dominante – pode tornar-se uma alavanca para iniciar a construção de uma sociedade e de um desenvolvimento alternativos àqueles das mercadorias e do mercado.



A Economia Solidária na América Latina: realidades nacionais e políticas públicas

Sidney Lianza e Flávio Chedid Henriques (orgs.). Pró-reitoria de Extensão da UFRJ. 202 páginas. 2011.

Este livro é fruto de um seminário organizado por três instituições: o Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SOLTEC/UFRJ), a Rede de Investigadores Latino-americanos de Economia Social e Solidária (RILESS) e a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE). O Seminário “Economia Solidária na América Latina: Realidades Nacionais e Políticas Públicas” ocorreu em outubro de 2011, na cidade do Rio de Janeiro, e teve como principal objetivo traçar um painel das políticas públicas de economia solidária na América Latina.



Expediente



Felipe Addor

Professor da Escola
Politécnica da UFRJ
Coordenação Geral do
SOLTEC UFRJ
Colaborador



Amanda Azevedo

Estudante de Engenharia Civil
na Escola Politécnica da UFRJ
Bolsista do SOLTEC UFRJ
Redação



Marília Gonçalves

Jornalista
Coordenação do projeto Co-
municação Comunitária do
SOLTEC UFRJ
Redação e Diagramação



Renata da Silva Melo

Estudante de Jornalismo na
Escola de Comunicação da
UFRJ
Colaboradora



Camille Perissé

Jornalista
Bolsista do SOLTEC UFRJ
Redação, Edição Geral e
Diagramação



Diana Helene

Arquiteta e Urbanista
Doutoranda em Planejamento
Urbano e Regional no IPPUR-
UFRJ
Colaboradora



Verônica Maia

Mestranda em Comunicação
e Cultura do PPGCOM/UFRJ
Coordenação de Comunica-
ção do SOLTEC UFRJ
Colaboradora



Luana Evaristo

Estudante de Serviço Social na
Escola de Serviço Social UFRJ
Bolsista do SOLTEC UFRJ
Colaboradora

Entre em contato com o SOLTEC

No telefone: (21) 2562-7780

No endereço: Avenida Athos da Silveira Ramos, 149, Centro de Tecnologia - UFRJ, Cidade Universitária. Bloco ABC, sala 112. CEP: 21941-909.

No e-mail: comunicacao.soltec@ct.ufrj.br

O Êêêcha é uma publicação trimestral produzida pelos bolsistas, pesquisadores e colaboradores do Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ.

Visite nosso Portal na internet e deixe seu comentário.